

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÉRGIO LUIZ DOS SANTOS

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS SOCIAIS:  
REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS

Porto Alegre

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÉRGIO LUIZ DOS SANTOS

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS SOCIAIS:  
REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS

Trabalho de Conclusão de Licenciatura submetido ao curso de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

SANTOS, Sérgio Luiz dos

A experiência do estágio de docência em Ciências Sociais: reflexões autobiográficas / Sérgio Luiz dos SANTOS. -- 2023.

40 f.

Orientador: Bernardo Mattes Caprara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Estágio Docente Supervisionado. 2. Sociologia Escolar. 3. Autobiografia. I. Caprara, Bernardo Mattes, orient. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

SÉRGIO LUIZ DOS SANTOS

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS SOCIAIS:  
REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS

Porto Alegre, 15 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara (Orientador – Departamento de Sociologia da UFRGS)

Profa. Dra. Fernanda Bestetti de Vasconcellos (Departamento de Sociologia da UFRGS)

Profa. Dra. Rosimeri Aquino da Silva (Faculdade de Educação da UFRGS)

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, passaram por minha vida e fizeram parte dessa história; e, principalmente, a cada um que me ajudou e contribuiu para que eu chegasse onde estou.

## RESUMO

Este trabalho apresenta, com o uso do método autobiográfico e em diálogo com a Sociologia Escolar, parte de minha trajetória de vida até o presente momento, passando por épocas que considero fundamentais e que contribuíram para a minha formação como cidadão e me direcionaram a ser estudante de Ciências Sociais. Épocas das quais posso destacar os diferentes destinos para os quais fui direcionado, por diversos motivos e acontecimentos, diversas profissões e ocupações que tive, assim como períodos sombrios e de grande aprendizado. Todas as diferentes situações impostas direcionaram-me para o que culminou na inspiração para escrever este trabalho, e também no objetivo desta pesquisa: analisar o meu estágio docente supervisionado no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizado no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que é o colégio no qual fiz meu ensino médio, 40 anos atrás, articulando esse episódio com a minha biografia. Através de tudo o que aconteceu na minha vida, eu discorro sobre os fatos que contribuíram para a formação do meu pensamento como cidadão, política e socialmente. Além disso, levando em conta o que vivi, o que aprendi em minha graduação e em meu estágio docente, debato sobre a relevância do ensino da Sociologia no Ensino Médio.

Palavras-chave: Estágio Docente Supervisionado; Sociologia Escolar; Autobiografia.

## **ABSTRACT**

This work presents, using the autobiographical method and in dialogue with School Sociology, part of my life trajectory up to the present moment, passing through times that I consider fundamental and that contributed to my formation as a citizen and directed me to be a student of Social Sciences. Times from which I can highlight the different destinations to which I was directed, for different reasons and events, different professions and occupations that I had, as well as dark periods and of great learning. All the different imposed situations led me to what culminated in the inspiration to write this work, and also in the objective of this research: to analyze my supervised teaching internship in the Degree in Social Sciences at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), held at Colégio Estadual Júlio de Castilhos, which is the school where I did my high school, 40 years ago, articulating this episode with my biography. Through everything that happened in my life, I discuss the facts that contributed to the formation of my thinking as a citizen, politically and socially. In addition, taking into account what I experienced, what I learned in my graduation and in my teaching internship, I discuss the relevance of teaching Sociology in High School.

**Keywords:** supervised teaching internship; school sociology; autobiography.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI: UMA AUTOBIOGRAFIA .....	13
2 A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE EM CIÊNCIAS SOCIAIS E A SOCIOLOGIA ESCOLAR .....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS .....	40



## INTRODUÇÃO

Tenho 60 anos e este ensaio é o meu Trabalho de Conclusão de Licenciatura. Este trabalho utiliza uma metodologia autobiográfica, sendo uma monografia na qual discorro sobre pontos que considero fundamentais da minha história de vida, passando por momentos que contribuíram para a formação do que sou hoje e de alguma forma colaboraram para que eu chegasse onde estou. O foco estará no período em que fui aluno do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre (RS), no início dos anos 1980, contrastando com o tempo em que estagiei ministrando aulas no mencionado colégio, em 2022, como parte da minha formação em Ciências Sociais na UFRGS.

Olhar para o passado pode ajudar a encontrar explicações para significados nas ações que temos hoje como pessoas que foram construindo um percurso pessoal e profissional rico de cruzamentos com os outros. Este trabalho utiliza o método autobiográfico (Bueno, 2002; Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016), como fonte de produção e disseminação de memórias individuais, sociais e históricas, na busca de uma “hermenêutica da experiência” (Delory-Momberger, 2011). Por estar intimamente imbricado no “espírito da época”, não deve ser percebido como uma narrativa caracterizada pela sucessão de eventos encadeados cronológica e linearmente, mas, antes, como fruto de escolhas, negociações e contingências que, em seu conjunto, modulam uma imagem razoavelmente delineada de determinado sujeito e de sua experiência vivencial. Nesses termos, podem informar sobre as circunstâncias históricas, políticas, culturais e sociais de uma época, tanto quanto sobre as singularidades de uma vida privada.

Este ensaio enfrentará certas dificuldades para ser escrito, uma vez que falar de si é um exercício de rememoração crítica a partir do presente. Filtros se colocam diante de escolhas que já foram feitas e cujos resultados já são conhecidos. Para isso, considero importante situar o meu ponto de partida, assim como o meu ponto de vista. Isso não surgirá como algo proporcionado apenas por uma formação universitária, mas, sim, a partir das demandas e “leituras” do universo em que vivi até hoje.

No decorrer deste trabalho, irei discorrer sobre o meu ponto de partida e o motivo pelo qual ingressei no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que a partir de agora chamarei de

“Julinho”. Abordarei o contexto do colégio na sociedade daquela época (1980) e no cenário atual, assim como a minha posição na sociedade naquele momento e no presente. O mundo passou por mudanças significativas desde então, e é necessário relatar essa transformação.

Todo o meu processo de formação, todas as experiências que vivenciei e que culminaram no que sou hoje, no indivíduo que me tornei, moldaram a minha personalidade. Por isso, o uso do recurso metodológico da autobiografia se faz adequado. Narrativas autobiográficas como recurso de investigação e método de pesquisa se fundamentam na prerrogativa de reconhecer que as pessoas são sujeitos de direitos, possuem a capacidade de contar sua própria história e de pensar sobre ela. Os relatos autobiográficos possibilitam alcançar o universo mais subjetivo das pessoas, o que pode oferecer uma boa compreensão daquilo que as movimenta como indivíduos nos processos de constituição de si (Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016, p. 114).

Para alcançar meu objetivo, será necessário criar uma narrativa que contextualize cada momento. Por esse motivo, vou retratar a história desde uma espécie de começo. Esse processo será como reviver praticamente tudo, e ele incluirá não apenas momentos maravilhosos, mas também momentos dolorosos nos quais enfrentarei desafios. Acredito que, ao final desse processo, isso funcionará como uma espécie de purificação emocional. Vou me esforçar para ser objetivo e específico em minhas descrições. Portanto, começarei compartilhando informações sobre o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, apelidado de "Julinho", fornecendo uma introdução sobre a instituição para estabelecer o contexto. Em seguida, abordarei o meu período de estágio nessa escola, que foi o ponto de partida para a criação deste trabalho. Nesse sentido, o objetivo do trabalho é articular a minha história, a minha autobiografia, com a minha formação na Licenciatura em Ciências Sociais, mostrando como todos os acontecimentos da minha vida me fizeram chegar até aqui, me fizeram chegar até realizar o estágio de docência e escrever esse trabalho de conclusão. Olhar para trás, para a minha vida, faz parte do processo de formação que culmina na experiência do estágio docente.

Conta a direção da escola que o "Julinho", alcunha pela qual o Colégio Estadual Júlio de Castilhos ficou conhecido, foi estabelecido em março de 1900, em associação com a Escola de Engenharia de Porto Alegre, sob o nome de *Gymnásio* do RGS. No entanto, seu nome foi alterado em 1908, em honra ao político Júlio de Castilhos. Em novembro de 1951,

um incêndio de origem desconhecida devastou completamente o edifício da instituição. Em 29 de junho de 1958, um novo edifício foi entregue à comunidade, permanecendo como a estrutura que conhecemos até hoje.

Ao longo dos anos, tanto professores quanto alunos do "Julinho" mantiveram uma participação ativa em eventos políticos e sociais, influenciando não apenas a capital, mas também o cenário educacional do Rio Grande do Sul como um todo. Esse engajamento histórico contribuiu para a reputação relevante da escola, chegando a contar com 5000 alunos entre as décadas de 1950 e 1970. A localização geográfica na região do bairro Santana permitiu a matrícula de estudantes provenientes de vários bairros da cidade, incluindo cidades da região metropolitana. Essa composição resultou em uma comunidade estudantil com diversidade cultural enriquecedora, ainda que em menor escala do que no passado, mas ainda notável em quantidade.

O "Julinho" oferece uma gama de serviços que sustentam as operações regulares da escola, incluindo o conselho escolar, o círculo de pais e mestres, o centro de professores, o grêmio estudantil e o departamento de esportes. Além disso, para enriquecer a educação, de acordo com a direção da escola, o colégio proporciona experiências práticas em laboratórios de física, química e geologia, bem como oficinas de educação artística, com diversas opções adaptadas às preferências dos alunos. Além disso, a escola oferece aulas de reforço em matérias como química, física e matemática para alunos que enfrentam desafios específicos e dificuldades.

A direção da escola conta que o "Julinho" possui um amplo espaço físico, embora considere que esse espaço poderia ser mais bem aproveitado, com um total de 41 salas de aula, oito laboratórios, 12 salas para oficinas de arte, duas salas de audiovisual, um auditório, um anfiteatro, entre outras salas, totalizando 205 dependências. A instituição adota um projeto pedagógico que visa atender os estudantes de maneira inclusiva, respeitando suas diversidades. Alguns dos princípios que orientam a escola compreendem a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a gestão democrática na escola, o pluralismo de ideias e abordagens pedagógicas, bem como a valorização dos profissionais da educação. Destaca-se ainda o enfoque no desenvolvimento integral do educando, abrangendo aspectos morais, cognitivos, estéticos, éticos e físicos, entre outros. O conselho escolar é o órgão responsável por assegurar a participação de todos os grupos através de seus representantes e mantém uma

atuação constante. Entre os objetivos da instituição, declarados pela sua direção, estão a preparação do aluno para enfrentar desafios da vida, exercer a cidadania, ingressar no mercado de trabalho e obter sucesso no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), além de trabalhar para diminuir os índices de reprovação e evasão.

A instituição também prioriza o acesso e a permanência bem-sucedida do aluno na escola, juntamente com o estímulo ao gosto pela leitura, o pensamento lógico, a prática de pesquisa, a apreciação das artes, a habilidade de se expressar por meio de diversas linguagens e a capacidade de autogerenciamento. Tudo isso é ancorado na contextualização do aluno dentro do tempo histórico em que vive, bem como na resolução de problemas e conflitos por meio do diálogo. O "Julinho" é composto por um corpo docente que totaliza 60 professores. A maioria desses professores é nomeada e possui formação superior, com alguns tendo mestrado ou doutorado. Além disso, a equipe inclui alguns profissionais contratados. Entre os desafios que impactam negativamente o funcionamento eficiente da escola, destaca-se a desmotivação de muitos professores, que se sentem desvalorizados. Essa desvalorização resulta em profissionais exaustos, enfrentando salários baixos e jornadas de trabalho extensas. Além disso, eles lidam com a sobrecarga de alunos em cada turma, agravada pelo fato de que a maioria precisa cumprir carga horária em mais de uma escola, somado à perda de benefícios e direitos.

Realizei meu estágio de docência na Licenciatura em Ciências Sociais na escola "Julinho", escola em que estudei há quatro décadas. A sociologia retornou como disciplina obrigatória no ensino médio em 2008, e tem uma longa história de intermitências na educação básica, um vai e vem constante nos currículos (Meucci, 2020). A obrigatoriedade da disciplina ficou presente até o ano de 2017, quando, com a reforma do ensino médio do governo de Michel Temer, e a concretização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ela se tornou, outra vez, uma disciplina transversal ao currículo. Com a BNCC, a sociologia aparece junto de competências e habilidades necessárias na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas sem um caráter próprio e obrigatório. Essa posição da disciplina foi fruto de um processo repleto de disputas e transformações na elaboração da BNCC (Silva, 2020).

Ao longo desta introdução à minha autobiografia, compartilhei algumas informações sobre o "Julinho". Essa abordagem teve como objetivo fornecer uma contextualização mais

sólida e facilitar a compreensão dos meus propósitos ao redigir este trabalho. Nos próximos passos, irei relatar a minha trajetória e explorar as razões que me levaram a escolher o "Julinho", ou seja, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, como ponto central dessa narrativa. Além disso, vou refletir sobre a experiência do estágio docente supervisionado em Ciências Sociais, na UFRGS, realizado no "Julinho", e fazer uma reflexão sobre o ensino de sociologia na escola básica. Discutindo essa experiência e relatando episódios de observação e aplicação de aulas, procuro ressaltar a importância dessa disciplina na educação básica, em articulação com a minha trajetória, com aquilo que me trouxe até aqui. Como diz bell hooks (2017), a educação precisa ser uma prática libertadora e transformadora, questionar as estruturas de poder que ajudam na manutenção das desigualdades. Por tudo isso, deve considerar as experiências das pessoas envolvidas na educação, porque essas experiências não estão de fora do ambiente de ensino e aprendizagem.

## 1 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI: UMA AUTOBIOGRAFIA

Nasci nos anos 60 do século passado, fruto de uma família dividida pela separação de meus pais. Reconhecido por minha franqueza, eu me apresentava como alguém sem medo de expressar o que pensava. A história toma forma após a dolorosa separação de nossos pais, quando eu e meus três irmãos fomos levados por nosso pai para morar com nossos avós paternos em Soledade, uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul. Embora de dimensões modestas, essa comunidade era permeada por preconceitos. Inicialmente, de maneira flagrante, e depois, de forma mais velada, éramos rotulados como os "legítimos filhos da puta", conforme a perspectiva da sociedade da época - um estigma carregado literalmente. Naquela fase, eu ocupava a terceira posição entre os quatro irmãos e tinha apenas três anos.

Com o tempo, conseguimos nos integrar tanto à família quanto à sociedade local, desfrutando de uma infância que, dentro das circunstâncias, pode ser considerada relativamente feliz e normal. No entanto, deliberadamente deixarei esse período de minha vida de lado e retomarei a história a partir dos meus dezenove anos, um momento crucial marcado por minha partida de Soledade em direção à capital, Porto Alegre, explicando as razões que me levaram a escolher o Colégio Estadual Júlio de Castilhos como cenário de minha jornada.

Após passar por minha infância e adolescência em Soledade, o momento de partir e buscar nossos próprios caminhos havia chegado. Minha irmã mais velha, Clarice, já havia deixado a cidade para seguir seus estudos. Ela foi para Passo Fundo, cidade vizinha que, até aquele momento, representava para nós o epicentro de tudo, com o intuito de cursar o Ensino Superior. Um tempo depois, Beto, o segundo irmão mais velho, concluiu o ensino médio e também decidiu partir. Ele se mudou para Porto Alegre, onde passou a morar com nossa mãe, que já havia conquistado sua reintegração à sociedade. Visto que não dispúnhamos de recursos para custear uma segunda graduação na Universidade de Passo Fundo (UPF), Beto escolheu seguir a vida de acordo com as possibilidades ao seu alcance.

De forma inesperada e aparentemente sem motivo, surgiu um sentimento de que havia uma espécie de movimento, um desejo compartilhado por parte dos nossos avós de nos ver partir, tal como fomos abruptamente levados para viver com eles no passado. Essa sensação

indicava que, subitamente, eles desejavam se livrar de nossa presença. Eu e Félix, o irmão mais novo, ainda não tínhamos começado o ensino médio, e nossa mãe, ávida por reunir seus filhos próximos a ela novamente, decidiu nos acolher para, enfim, reconstituirmos a família. Esse movimento ocorreu sem nossa consulta. Nossa mãe, ansiosa por nos agradar e talvez compensar qualquer possível ressentimento que pudéssemos ter devido à sua ausência em nossas vidas, nos concedeu total liberdade para tomar nossas próprias decisões e validava todas as nossas escolhas e desejos.

Aos dezessete anos, não estava inclinado a deixar Soledade, pois lá residia minha vida e meus amigos, que compunham o cerne do meu senso de existência. No entanto, impulsionado pela resolução dos adultos, cujas decisões seguíamos de forma rigorosa, tive de reconhecer que a mudança era inelutável, independentemente de minha própria vontade ou opinião sobre o assunto. No que tange ao meu futuro, minhas aspirações eram consideradas secundárias, mas, ao atingir os dezenove anos, sentindo o fervor de viver e movido pela perspectiva de novas aventuras e pelo desconhecido, adaptei-me rapidamente à minha nova realidade. Muitos dos meus conhecidos de Soledade também se dirigiram a Porto Alegre para prosseguir os estudos. Eles expressavam orgulho pelas instituições de ensino em que ingressariam, todas particulares e renomadas. Esse fato tinha grande importância, uma vez que desempenhava um papel crucial na sociedade local em Soledade. Era um reflexo das complexas estruturas sociais típicas de cidades do interior.

Porém, uma vez que não estava em condições de escolher escolas particulares e dispendiosas, dediquei-me minuciosamente à seleção da minha futura instituição de ensino. Ignorava completamente que o destino estava prestes a impor suas diretrizes à minha vida, influenciando minhas decisões. No entanto, percebo agora que essas imposições sempre foram para o meu próprio bem.

Realizei a viagem de Soledade para Porto Alegre sozinho, embarcando em um ônibus lotado, cercado por rostos familiares de Soledade, cada um carregando suas bagagens repletas de histórias, sonhos e projetos individuais. Meu irmão Beto estaria me aguardando na rodoviária, enquanto eu já estava tomado por ansiedade e uma intensa agitação causada pela súbita mudança de vida. Após uma jornada de quatro horas, finalmente chegamos à cidade de Porto Alegre, e imediatamente fiquei fascinado com a agitação urbana pulsante. Encontrando meu irmão depois de pegar minha bagagem, nós começamos a caminhar rumo ao nosso novo

apartamento, onde eu passaria a residir dali em diante. Fiquei genuinamente impressionado com a energia quase tangível que permeava a cidade. A movimentação das pessoas, as cores vibrantes, a atmosfera dinâmica e o contato com um mundo novo pronto para ser explorado.

Assim que cheguei ao apartamento, fui recebido calorosamente por Beto, minha mãe e dois amigos deles. Um dos amigos era de Soledade e o outro de Porto Alegre, um médico negro que estava fazendo residência na Santa Casa e que viria a desempenhar um papel crucial no desdobramento do meu primeiro contato com o "Julinho", o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que se tornaria um divisor de águas em minha trajetória. Quase imediatamente, depois de breves apresentações e algumas trocas amigáveis, as discussões sobre meu futuro tiveram início. Ficou evidente que a escolha unânime era o "Julinho", que era o colégio mais apropriado para mim. Essa conclusão se reforçou ainda mais após minha própria pesquisa e as circunstâncias fortuitas que se desenrolaram.

No início dos anos 80, durante o auge do regime ditatorial militar no Brasil, que perdurou até 1985, o cenário era caracterizado por um clima sombrio e opressivo, frequentemente denominado como "tempos de chumbo". Nesse contexto, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o "Julinho", era notório por ser um espaço que moldava "subversivos", produzindo diversos líderes políticos tanto em âmbito regional quanto nacional. O ambiente estava em constante efervescência, como se estivesse em ebulição. A escola não possuía grades ou muros ao seu redor, e na sua frente, situava-se uma praça arborizada, com um coreto central e, ao lado, um pequeno monte que servia como plataforma. O coreto e esse "morrinho" eram locais designados para assembleias e comícios estudantis, onde suas reivindicações eram proclamadas, com um dos principais lemas sendo repetidamente aclamado: "Abaixo a ditadura".

Com a certeza de que o "Julinho" era meu destino, o próprio destino pareceu confirmar esse acordo, colocando o selo de aprovação nessa escolha. O Dr. Hélio, que estava finalizando sua residência no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, havia estabelecido um consultório médico particular na Zona Norte da cidade, exatamente na Avenida Assis Brasil, ao lado da movimentada Igreja do Cristo Redentor. Logo após minha chegada, soube que nos próximos dias haveria um *show* de Mercedes Sosa, uma cantora que era um desafeto do regime ditatorial e era bastante impopular entre os governantes. O *show* aconteceria no Gigantinho, um ginásio próximo ao estádio Beira-Rio, do Internacional. Com interesse em



assistir ao *show*, pedi permissão para ir. No entanto, o ingresso tinha um preço relativamente alto. Para me ajudar, minha mãe e o Dr. Hélio sugeriram que eu distribuísse panfletos publicitários do consultório médico na região da Zona Norte, indo de casa em casa, como uma forma de trabalho, e em troca eles me dariam o dinheiro para o ingresso.

Naqueles momentos, ainda não havia me dado conta, mas de alguma forma eu já havia percebido que em Porto Alegre as pessoas não compartilhavam do mesmo hábito que predominava em Soledade, onde as pessoas costumavam observar umas às outras, reparando em suas roupas e maneirismos. Na cidade grande, éramos essencialmente anônimos, não havia o mesmo tipo de preconceito subentendido que existia no interior. Essa experiência foi transformadora para mim e acabou se tornando uma diversão, já que percebi a liberdade de ser eu mesmo sem ser julgado pelas aparências como ocorria no meu ambiente anterior.

Trabalhei duro e consegui juntar o dinheiro necessário para o ingresso. No dia do *show* de Mercedes Sosa, eu prestei atenção nas instruções cuidadosas dadas por minha mãe, Beto e o Dr. Hélio sobre como interagir com desconhecidos, como me comportar e outras recomendações. Munido desses conselhos, dirigi-me ao ponto de ônibus, onde esperaria o transporte que me levaria ao Gigantinho. O local estava relativamente cheio, e eu estava atento às orientações e observando ao redor quando, para minha surpresa, uma jovem se aproximou subitamente e me perguntou se, pelo meu aspecto, eu estava indo ao *show* de Mercedes Sosa. O nome dela era Marta. Respondi afirmativamente, explicando que estava, de fato, indo para o *show*. Marta então me disse que também estava indo ao evento, e nossa conversa começou ali mesmo. Isso também me pegou de surpresa, pois em Soledade, minha cidade natal, as interações não funcionavam dessa maneira. Normalmente, as garotas não se aproximavam de estranhos para iniciar conversas. No entanto, ali estávamos, Marta e eu, a caminho do *show* de Mercedes Sosa

Ao nos aproximarmos do ginásio onde o *show* aconteceria, Marta me fez um pedido inusitado: ela me perguntou se eu tinha cigarros. Apesar de eu não ser fumante, não mencionei esse fato e ofereci comprar os cigarros no primeiro bar que encontrássemos, indagando sobre a marca de preferência dela. Durante nossas conversas, ela fez diversas perguntas sobre mim e eu expliquei que havia chegado recentemente da cidade do interior para estudar. Acrescentei que estava considerando estudar no Julinho, embora a decisão ainda não estivesse completamente tomada. De algum modo, parecia que a escolha já estava

incrustada em meu subconsciente. Marta sorriu e disse que já estudava nesse colégio, trabalhando também na cantina. Ela expressou alegria pelo fato de nos vermos todos os dias. Era como se um mundo de oportunidades se abrisse diante de mim, e eu me senti completamente imerso na minha nova vida.

O *show* durou aproximadamente 15 minutos, mas algo que não era inteiramente inesperado ocorreu: como o regime ditatorial já demonstrava fraqueza, embora não desse sinais de rendição fácil, eclodiu um tumulto repentino. Isso, de certa forma, nos aproximou ainda mais. Marta e eu conseguimos chegar perto do palco para assistir ao espetáculo, o que nos proporcionava uma vista privilegiada. No entanto, durante a performance de Mercedes, uma bomba de gás lacrimogêneo explodiu muito próxima a nós, um acontecimento lamentavelmente comum na época da ditadura. Mercedes Sosa foi retirada do palco, e uma correria frenética irrompeu, resultando em diversas pessoas feridas. Esse incidente praticamente me colocou no campo da luta contra a ditadura. Ser parte do "Julinho" estava determinado de forma irrefutável.

No colégio, fui prontamente acolhido e estabeleci amizades com rapidez, conectando-me a pessoas de todas as classes sociais, origens étnicas e crenças religiosas, graças à incrível diversidade presente no Julinho. Inicialmente, eu era de certa forma um "espécime" exótico, devido ao meu jeito de falar, ao sotaque característico da minha região, à minha estatura, à minha pele morena e à minha maneira franca e incisiva de me expressar. Devido a essas particularidades, adquiri um apelido que persiste até hoje, mesmo quarenta anos depois, entre muitos dos meus colegas, relacionado ao meu endereço e ao meu professor de inglês, o Senhor Zoovi.

Quando cheguei a Porto Alegre, minha primeira moradia ficava no coração da cidade, na Avenida Senador Salgado Filho. Isso tinha uma certa importância, já que naquela época, você morava ou em bairros "nobres" com muitos alunos, ou no centro, considerado uma boa localização, pois a maioria residia em bairros ou áreas menos privilegiadas. Durante a aula inaugural do Professor Zoovi, quando os professores geralmente fazem questionários informais à turma, quando chegou a minha vez, eu mencionei meu nome completo e endereço, algo incomum nas respostas dos alunos. Mais tarde, na mesma aula, o Professor Zoovi, ao tentar se referir a mim, por ter esquecido o meu nome, disse algo como: "Ei, você

aí, o Senador, o da Senador..." E assim ficou, acabei me acostumando a ser chamado de "Senador". O apelido grudou de vez.

A maioria dos alunos estava profundamente envolvida em questões sociais e se apoiavam mutuamente. Os professores, além de transmitir o conteúdo acadêmico, frequentemente nos orientavam sobre a vida, oferecendo conselhos e dicas que nos preparavam para o futuro. Eles também abordavam tópicos sensíveis, como o consumo de bebidas alcoólicas e drogas, além de nos instruírem sobre como nos comportar socialmente, baseando-se em suas crenças e experiências pessoais.

No que diz respeito a Marta, cruzei com ela apenas algumas vezes depois daquele primeiro encontro. A avalanche de novos amigos e experiências foi tão intensa que não conseguimos manter o vínculo que tínhamos estabelecido. Devido ao meu jeito típico do interior, que, apesar de não ser de uma família abastada, me fazia expressar tudo de forma grandiosa, e também por morar no centro da cidade, acabei sendo erroneamente considerado alguém de posses. Isso, aliado à minha percepção de certa inteligência, me conferiu uma certa ascendência sobre os meus colegas de turma. Éramos um grupo de oito amigos inseparáveis, que exerciam influência sobre outras turmas. A nossa união e liderança nos colocaram nessa posição privilegiada.

Com o tempo, aquelas arestas mais ríspidas da minha personalidade foram se suavizando rapidamente. Eu havia me integrado ao contexto social de Porto Alegre, e as diferenças que antes eram tão marcantes em minha vida, como minha cor de pele, minha situação financeira e minha aparência comum, perderam relevância. A diversidade e a abertura da cidade não davam espaço para essas distinções. Minha personalidade ganhou força gradualmente. Eu participei de comícios políticos, frequentei *shows*, me envolvi em gincanas estudantis e até participei de campanhas de vacinação. A vida seguia seu curso e o tempo avançava. E assim, o tempo passou.

Com minha vida restabelecida em todos os aspectos, oportunidades se abrindo à minha frente, um círculo de amigos perfeito e a conclusão do ensino médio se aproximando, surgiu também o grande dilema dos jovens da época: o momento de cumprir o Serviço Militar obrigatório. Era um verdadeiro pesadelo para todos os meus conhecidos que se autodenominavam revolucionários. Eu definitivamente não queria "servir à pátria", mas como filho de um militar, em plena Ditadura Militar, minhas opções eram limitadas. Sentindo a

pressão, tomei uma decisão que alterou completamente todos os planos que eu tinha para mim mesmo, em uma tentativa ingênua de convencer minha família a desistir da ideia de que eu servisse. Afirmei que se realmente tivesse que cumprir o serviço militar, eu gostaria de ser o melhor, de me tornar paraquedista do Exército, cujas unidades estavam localizadas apenas no Rio de Janeiro. Eu acreditava sinceramente que, diante da perspectiva de me verem longe, eles reconsiderariam e implorariam para que eu não servisse. Um grande engano!

Não tive mais oportunidade de evitar a situação. Ao contrário, eles enalteceram meu suposto patriotismo e trabalharam ativamente para tornar meu desejo realidade. Chegou, então, o momento de enfrentar mais uma despedida, ainda mais dolorosa do que quando deixei Soledade. Desta vez, a dor era mais intensa porque eu tinha uma compreensão mais clara de quem eu era e do que queria. Eu tinha amigos, verdadeiros amigos, e um deles era especialmente próximo, pois morávamos perto um do outro. Nesse ponto, eu já havia me mudado para o bairro Partenon, para uma das casas de propriedade do meu avô materno, e nós passávamos o tempo jogando xadrez, bebendo cerveja e comendo bombons. Meu amigo tentou me consolar dizendo: "Vai, Senador, um ano passa rápido". E assim, parti em direção ao Rio de Janeiro para servir a pátria!

Durante a viagem para o Rio de Janeiro, o exército organizou um comboio de oito ônibus lotados de futuros soldados, todos cheios de entusiasmo. Afinal, servir à pátria era retratado como algo grandioso, de acordo com as mensagens que nos transmitiam e tentavam incutir em nossas mentes, pois essa ideia já estava profundamente enraizada na consciência coletiva da população. Além disso, o ditado popular que afirmava que "gaúcho é apaixonado pelo Rio" estava no seu auge. Visitar, conhecer e, é claro, viver no Rio de Janeiro era o sonho de muitos. No entanto, a maioria dos jovens soldados que faziam parte desse grupo pertencia, na realidade, a uma classe social menos privilegiada; eram pessoas que viviam em vilas, em um sentido menos favorecido.

Durante as paradas para as refeições, que ocorriam em locais previamente determinados pelo Exército, os ônibus paravam, e nós éramos instruídos a nos alinhar para ouvir uma fala do comandante. O responsável pela nossa jornada, um tenente de carreira do exército, falava em voz alta que deveríamos ser educados, respeitar as regras e não desperdiçar alimentos, entre outras instruções. Não havia nada particularmente extraordinário em suas palavras.

Apesar de me considerar uma pessoa cordata, prática e de bom coração, também reconheço que, em várias ocasiões, demonstro ser arrogante, prepotente e, muitas vezes, fui acusado de ser petulante. Hoje, olhando para trás e refletindo sobre esses aspectos peculiares da minha personalidade, percebo que isso é, na verdade, uma forma de autodefesa, embora não signifique necessariamente que eu seja assim o tempo todo.

Alguns tempos depois, ao ponderar sobre as palavras do nosso líder militar, percebi que ele estava correto, pois estávamos de fato em um grupo de brutos. No entanto, eu, com minha imensa impaciência e sensibilidade, me ofendi imediatamente com o que ele disse. Quando chegou a hora de entrarmos no restaurante durante uma das paradas, ao formarmos fila, decidi me retirar e escolhi outra porta do estabelecimento, destinada aos clientes comuns. Ali, sentei-me afastado do restante do grupo, paguei minha própria refeição e repeti esse comportamento nas demais paradas ao longo do trajeto. Essa atitude não passou despercebida pelos oficiais que estavam encarregados de cuidar de nós, mas somente fui questionado sobre meus motivos quando chegamos ao nosso destino final, na unidade onde ficaríamos durante o próximo ano de 1980.

Esse comportamento peculiar que adotei também acabou criando uma espécie de imagem distorcida sobre quem eu realmente sou. Termos como "arrogante", "nojento", "metido" e outros similares passaram a fazer parte da percepção que os outros tinham de mim. No entanto, após a fase inicial de deslumbramento pela cidade do Rio de Janeiro, que agora era o nosso "novo mundo", outros fatores entraram em jogo para ajudar a corrigir essa visão distorcida. Minha habilidade de comunicação, disposição para colaborar, força física e a curiosidade dos cariocas nativos em relação aos gaúchos contribuíram para que essa imagem negativa fosse rapidamente superada, em cerca de dois meses. Nesse período, outro mal-entendido ocorreu, desta vez com uma conotação positiva, o que me levou a ganhar uma nova forma de prestígio. Dessa vez, em um sentido mais positivo e favorável.

No Rio Grande do Sul, diversos tipos de festivais de música nativista são realizados, e entre eles está o Califórnia da Canção Nativa, sediado em Uruguaiana, cidade fronteiriça com a Argentina, separada de Paso de Los Libres apenas por uma ponte. Este festival é um dos mais antigos e prestigiados da região. Em um final de semana em que tivemos folga, um grupo de gaúchos do mesmo batalhão e eu fomos à praia. Conversávamos descontraidamente, sem perceber que cariocas de nossa unidade estavam por perto. Enquanto compartilhávamos

histórias sobre nossa terra, lembranças e anedotas, mencionei que havia ido ao Califórnia várias vezes. Alguém captou apenas essa frase, tirando-a de contexto. Na segunda-feira seguinte, durante a formatura matinal no batalhão, meu comandante, em uma voz ambígua misturando desprezo e respeito, comunicou a todos que um dos integrantes da tropa havia estado várias vezes na Califórnia. Ele estava se referindo ao estado norte-americano, pois quem lhe passou a informação não especificou. Ninguém perguntou, e eu optei por não esclarecer. De repente, sem querer, eu me tornei mais do que eles. Afinal, eu havia estado na Califórnia várias vezes.

Eu estava imerso no presente, impulsionado pelos meus planos e objetivos imediatos. Uma maré de sensações, emoções e possíveis aventuras me envolvia. Não era um tempo para reflexões profundas sobre os motivos por trás de minhas ações; minha prioridade era viver o momento, abraçar cada instante. As coisas muitas vezes se sobrepunham antes que uma pudesse terminar, e eu seguia vivendo assim.

Entretanto, no Exército, em meu batalhão, havia um diário onde eram registrados, sem nosso conhecimento, os F.O.+ e F.O.-, siglas para Fato Observado positivo ou negativo. E ainda estávamos em tempos de ditadura. Por conta de pequenos erros, nada de grande importância, fui acumulando F.O. negativos sem perceber. Isso culminou em meu desligamento do Exército, sendo licenciado a bem da disciplina, como me informaram. Diante disso, uma pergunta me assolava: o que fazer agora com minha vida?

A princípio, minha intenção era voltar para Porto Alegre, mas eu não havia considerado que naquela época, sendo filho de militar e alguém moldado por uma sociedade altamente preconceituosa e desorientada, eu me tornara praticamente um excluído. Isso se aplicava primeiramente à minha família, que no fim das contas era o que mais importava para mim. E também se estendia à sociedade em geral, embora eu não me importasse com a opinião dela. Mas a questão permanecia: qual seria o próximo passo em minha vida? Não podia retornar para Porto Alegre; agora enfrentava restrições sociais, tudo devido a uma imoralidade institucionalizada.

Assim, ainda atordoado pelo impacto da rejeição de minha família e sem um destino certo, ainda no Rio de Janeiro, resolvi começar a vender cerveja na praia para ganhar a vida. Em uma barraquinha, como chamavam, escolhi uma praia bastante badalada, que também era um famoso ponto de pouso de asa delta, uma das febres do momento. A Praia do Pepino, num

bairro famoso, São Conrado, e também muito perto de uma das maiores favelas do mundo, a favela da Rocinha. E assim foi. Acontece que desde pequeno, sofria de certos rompantes repentinos, que hoje consigo explicar, segundo psicólogos e psiquiatras, foram diagnosticados como bipolaridade, depressão e mais umas duas comorbidades que não recordo. Foram-me receitadas medicações, que quando tomo, até me concedem uma estabilidade razoável em meus relacionamentos sociais, mas são fases.

Depois de tomar a decisão sobre a barraquinha, compartilhei meus planos com alguns colegas e comecei a trilhar o caminho em direção ao meu objetivo. Havia um depósito localizado na base da Rocinha, na divisa com o Asfalto, que é como a avenida que separava a zona sul (mais abastada) da favela, era conhecida. Esse depósito vendia produtos para todas as barracas da Praia do Pepino e pertencia a Kika, uma gaúcha que havia estabelecido raízes no Rio há muito tempo. Quando expus minha intenção para Kika, percebi que ela me olhou com surpresa e incredulidade. No entanto, diante de minha determinação e do dinheiro em mãos, ela concordou em me vender o que eu precisava. Isso aconteceu pela manhã e, algum tempo depois, pude descobrir pessoalmente o motivo por trás da reação surpresa de Kika.

Cheguei à praia onde iniciaria meu empreendimento e imediatamente identifiquei os espaços reservados para as barracas já estabelecidas. Encontrei meu lugar entre as duas primeiras barracas, em uma área onde os voos de asa-delta frequentemente pousavam. Comecei a organizar meus produtos sob um amplo guarda-sol, que servia como minha própria barraca. Aproveitei a tranquilidade da praia ainda vazia para arrumar tudo meticulosamente e me instalar confortavelmente.

Após algum tempo, uma pessoa se aproximou diretamente de mim, curiosa sobre o que eu estava fazendo. Expliquei minha intenção, e ele reagiu com risadas desdenhosas, em um tom rouco. Após recuperar a compostura, ele adotou um tom mais amistoso e começou a me explicar que todos naquela área já tinham seus pontos estabelecidos. Era o João, dono da primeira barraca, oriundo da Rocinha. Ele mencionou que os frequentadores habituais da praia tinham locais de compra fixos, uma espécie de fidelização, e que provavelmente ninguém compraria nada comigo. Fiquei em silêncio por alguns momentos, abri uma cerveja e ofereci outra a ele. Conversamos sobre coisas triviais, e ele foi cuidar de sua própria barraca. Essas pessoas tinham uma maneira peculiar de se relacionar e se comportar. Eram amistosas e prestativas, e parecia que tinham metas que transcendiam a mera necessidade de vender

produtos. Então, aos poucos, as pessoas começaram a chegar à praia, ansiosas por aproveitar um dia quente de verão. Entre elas estavam os frequentadores habituais e os turistas.

Ninguém veio à minha barraca e então entendi o recado que tinham tentado me dar. As pessoas passavam por minha barraca para comprar nas outras, até que o próprio João, um tempo depois, compadecido com minha situação, veio à minha e pediu uma garrafa de água, que queria comprar, como cortesia. Não vendi e abri outra cerveja e comecei a beber, e em pouco tempo, a praia já lotada, minha irritação também começou a crescer, mas os barraqueiros vinham conversar, me tratavam bem, com boa vontade. Porém, depois de algumas cervejas, e já com a calma reestabelecida no meu espírito, retirei todas as placas de venda que ofereciam meus produtos e também retirei as cadeiras, deixando só a minha e então abri mais uma cerveja.

Repentinamente, a sociabilidade carioca, extrovertida e camarada começou a se mostrar novamente para mim de forma palpável. Pessoas começaram a vir até minha barraca fechada e pediam produtos, mas eu falava para todos que não estava ali para vender nada, que era tudo para consumo próprio, e lhes oferecia algo para beber, o que quisessem. Não aceitavam, e os próprios barraqueiros, que eram quem estavam mandando clientes, vieram a mim dizendo que eu podia vender.

Estava finalmente aceito, porém, recusei. Após o desagradável episódio, fiz amigos e recebi até um convite para morar na Rocinha. Lá residi em torno de um mês, mas algo me inquietava e eu não sabia qual era o motivo de toda essa insatisfação, mas eu possuía autonomia suficiente para levar a bom termo meus quereres, e mesmo sem saber quais eram, decidi partir. Por intuição, com muitos sonhos e romantismo próprios da época e da idade, repleto de ânsia de conhecer e de viver coisas novas, eu escolhi viver um tempo em Belo Horizonte (MG). Não sabia explicar, mas eu adorava Minas. O ano de 1982 ainda era um tempo em que eu viajava muito de carona, indo para a beira da estrada levando uma plaquinha e o dedão em riste, e como não percebíamos maldade explícita alguma nas pessoas, não havia essa desconfiança tão presente e comum nos tempos atuais, e a maioria dos motoristas davam caronas, quando na verdade, quem viajava de carona podia até escolher.

Assim, decidi viajar para Belo Horizonte de carona. Sem pressa, carregando minha mochila nas costas e com um espírito aventureiro, ansioso por saborear cada momento. A viagem transcorreu tranquilamente, com caronas sendo facilmente obtidas, e eu apreciava o



contato com pessoas diversas. Diferenças no modo de falar, nos costumes e nas vestimentas se destacavam, porém, ao final, ficava claro que todos compartilhavam desejos semelhantes. Percebi que as pessoas almejavam não somente a existência, mas também uma vida com qualidade. Poucos manifestavam interesse nas coisas que eu considerava futilidades básicas. Após conhecer essas pessoas e compreender esse aspecto, também percebi que o que poderia ser valorizado por uns, talvez não tivesse o mesmo significado para outros. No entanto, de maneiras distintas, todos almejavam a mesma essência.

Fui instantaneamente cativado por Belo Horizonte, notando nela uma semelhança marcante com Porto Alegre, embora maior, e as pessoas demonstrassem maior abertura e extroversão. Isso contrastava com a natureza mais reservada do gaúcho, que normalmente requer um tempo para estabelecer amizades. Essa percepção me fez sentir que me adaptaria rapidamente, o que de fato aconteceu. Após me acomodar em uma pensão no centro da cidade, descansar brevemente e trocar muitas conversas com os outros hóspedes e a proprietária, decidi explorar a cidade em busca de meios não apenas para sobreviver, mas para viver de maneira plena e satisfatória.

E assim foi. Belo Horizonte revelou-se uma surpresa muito positiva, lembrando-me de Porto Alegre, embora com as devidas proporções. Nesse momento, eu me encontrava mais maduro e consciente, entendendo que o mundo era vasto e abrigava uma infinidade de indivíduos, juntamente com suas diversas histórias e perspectivas. A maravilha de conhecer pessoas, mergulhar em narrativas pessoais e explorar diferentes realidades tornou-se uma verdade que eu agora abraçava.

Durante a minha fase de experiências e aprendizado no "Julinho", envolvi-me em lutas políticas e sociais. Carregando esse espírito em um canto escondido de mim, nas minhas explorações por Belo Horizonte, acabei por conhecer um grupo engajado da U.J.S, União da Juventude Socialista, que estava conectado a um deputado federal de Minas, Luiz Guedes. Devido à minha habilidade natural com desenhos e criatividade, acabei trabalhando em seu escritório. Encontrava-me plenamente satisfeito com todas as circunstâncias. Eu podia exercer minhas atividades da maneira que desejava, seguindo orientações baseadas nas experiências vividas no "Julinho" e nas lições aprendidas com colegas e amigos. Isso me encantava. No entanto, esse "fazer" agora era executado com eficácia, como uma responsabilidade com um

propósito definido. Trabalhava ao lado de pessoas que compartilhavam das mesmas ideias, o que mais uma vez me deixava entusiasmado.

Ao longo dessa trajetória, conheci indivíduos extremamente interessantes, ganhei dinheiro e fiz amizades duradouras. Aprofundei meus conhecimentos em comunicação política e publicidade por um tempo considerável. Porém, como era comum em minha vida, depois de um certo período, a inquietação de sempre começou a tomar conta de mim. Rapidamente, percebi que estava na hora de seguir em frente mais uma vez.

Comecei a preparar minha mente para as despedidas e a escolher um novo destino, que, de acordo com os eventos recentes, estava se definindo como Brasília (DF). A capital federal estava traçada em meu caminho e eu estava seguindo com boas recomendações. Eu não sabia exatamente por que, mas sentia que essas mudanças eram necessárias. No início, na fase inicial da inquietação, uma pontada de incômodo me afligia, mas isso era passageiro. Em meu subconsciente, eu entendia que a mudança traria consigo novas amizades, sensações, conhecimentos e experiências. Uma nova vida estava prestes a começar.

Mantendo o estilo de vida que eu apreciava, apesar de ter recursos financeiros e a opção de comprar passagens, decidi mais uma vez viajar de carona de Belo Horizonte a Brasília. Esse modo de deslocamento me agradava. E, como sempre ocorria, a viagem foi tranquila. Recebi apenas uma carona, com um caminhoneiro que me deixou na SIA (Setor de Indústria e Abastecimento), em Brasília.

Brasília é uma cidade singular, organizada por setores e, naquela época, vastas áreas abertas, embora menos do que o passado. A cidade também exalava uma energia peculiar, quase estranha, abraçando uma mistura de regionalidades e nacionalidades. Em Brasília, você encontra pessoas vindas de todas as partes do mundo, tornando-a uma cidade cosmopolita com comportamentos sociais distintos. Isso a diferenciava das cidades que eu havia visitado antes, onde os padrões comportamentais eram mais uniformes. Em Brasília, no entanto, os comportamentos variavam amplamente. Era perceptível a mudança de atmosfera de uma quadra para outra, de uma "asa" para outra, do Plano Piloto para as cidades satélites.

Devido às recomendações que trouxe do escritório do deputado, estabelecer-me não foi uma tarefa difícil. No entanto, eu estava decidido a não continuar trabalhando com política, pelo menos não em Brasília, onde a dinâmica política era distinta. Decidi ingressar em uma agência de publicidade, um estúdio, onde comecei como artefinalista e ilustrador.

Com o tempo, também me tornei redator. Em Brasília, como mencionei anteriormente, a cidade é setORIZADA, cada área com seus nichos específicos. Se você deseja encontrar certos tipos de pessoas, basta dirigir-se a um determinado local - uma abordagem simples e eficaz.

Havia dois lugares em Brasília onde as pessoas se misturavam de maneira única e fantástica: as torres de televisão e a Feira do Paraguai. A Torre de TV, localizada na região central, no Plano Piloto, e a feira situada nos arredores do Setor de Indústria, o SIA. Ambos eram mundos simultaneamente semelhantes e distintos. A publicidade rapidamente cativou meu interesse, e comecei a perceber que ela estava presente em todos os aspectos da vida, permeando até mesmo as relações pessoais. Isso me proporcionou uma nova perspectiva sobre o mundo e a sociedade. Passei a enxergar a publicidade como um catalisador de desejos, um elemento que influenciava profundamente as pessoas. Com essa nova visão, mergulhei de cabeça nesse campo.

Parecia que estava em meio a um processo de reconstrução de minha identidade, começando a moldar a forma como me via a mim mesmo. Através da publicidade, senti que estava me formando social e culturalmente, mas de alguma maneira, não estava perdendo minhas peculiaridades e singularidades individuais. Eu estava sendo profundamente influenciado, mas também exercia minha própria influência.

Essa fase representou um período de intenso aprendizado, embora também tenha sido marcada pelo início de um consumo excessivo de álcool. Eu usava a desculpa de buscar inspiração, porém, a bebida, em conjunto com a falta de medicação, intensificou meus problemas de saúde mental, bipolaridade e depressão. Isso desencadeou uma sucessão de desejos voláteis de mudança, de explorar novos lugares e conhecer novas pessoas. Simultaneamente, meu interesse pelas tarefas práticas e rotineiras diminuía, levando-me a me perder em pensamentos abstratos. Com o tempo, esse ciclo me empurrava mais uma vez para o desejo de partir.

Porém, desta vez, eu ansiava por uma mudança radical, algo que pudesse reacender minha vontade de viver. Então, escolhi Manaus, na selva amazônica, como meu destino. Decidi optar por um método mais prático de viagem, considerando meu estado de espírito e a acessibilidade, e peguei um voo comercial para lá. E assim, concretizei essa decisão.

Como era típico em minhas jornadas de mudanças súbitas, senti meu espírito renovado e encantei-me com a cidade, assim como ocorria sempre que eu chegava a um lugar novo.

Manaus era uma metrópole situada no meio da selva, caracterizada por um calor intenso e um clima úmido e abafado, desses que podem drenar a energia de alguém não acostumado. No entanto, a cidade oferecia todo o conforto e tecnologias modernas para aqueles que tinham recursos financeiros, incluindo eu mesmo. Eu tinha economias guardadas e, além disso, possuía credenciais profissionais na área de publicidade, que é bem remunerada. Assim, comecei a trabalhar imediatamente após encontrar moradia, o que não demorou muito.

Conscientizava-me de que o trabalho também representava uma das melhores maneiras de conhecer pessoas, entender os costumes locais e explorar a cidade onde residia. Manaus acabou se tornando uma das cidades em que permaneci por mais tempo. Lá, estabeleci conexões com muitas pessoas. Minha qualidade de vida era boa, e minha renda também, porém, à medida que o tempo passava, notei um aumento significativo no consumo de substâncias. Esse hábito começou a minar minhas estruturas físicas e emocionais. Após três ou quatro anos de vida marcada por esse desgaste, ainda que eu mantivesse uma fachada que enganava muitos, alguns amigos verdadeiramente preocupados comigo protestavam e tentavam ajudar.

Diante desse cenário, decidi mudar de cidade mais uma vez. Sob os protestos de muitos amigos, que sinceramente desejavam me auxiliar, optei por Porto Velho, em Rondônia. Talvez de maneira consciente, talvez não, essa foi a minha escolha. De forma subconsciente, que eu apenas sentia, mas ainda não havia percebido de maneira concreta, parecia que estava buscando fechar um ciclo, dada a disposição geográfica das cidades escolhidas. Com oscilações em minha forma de viver e sentir, já havia decidido que Cuiabá seria minha próxima parada. Momentos de extrema euforia e prosperidade alternavam-se com períodos de pura depressão e melancolia, acompanhados por momentos de escassez financeira. Consegui sobreviver, em parte, sustentado por uma reputação que eu havia construído nos tempos bons, mas essa base estava desmoronando.

Desde Manaus, passando por Porto Velho e agora em Cuiabá, eu já era considerado um dependente químico, e estava em um estágio avançado desse processo, a ponto de essa classificação não me incomodar mais. As coisas estavam desmoronando rapidamente, dia após dia.

Até que, em um momento crucial, pressionado pela situação e com quase nenhum recurso para negociar, utilizei minha última reserva de valor, vendendo-a por um montante

suficiente. Reservei parte desse dinheiro para refeições e comprei uma passagem de Cuiabá para Porto Alegre, minha cidade natal. Chegaria lá sem nada: sem amigos, sem dinheiro e sem um lugar para morar. No entanto, Porto Alegre era "minha cidade". Eu finalmente estava retornando.

Sobre essa parte da construção da minha identidade e de quem sou hoje, serei breve, porém, não posso omiti-la, posto que teve enorme poder transformador no meu modo de pensar e de viver a vida. Cheguei a Porto Alegre com apenas uma mochila de bagagem, com poucas roupas e quase sem nenhum dinheiro, então procurei meu irmão Félix, pedindo para ficar um tempo em sua casa, o que ele aceitou de bom grado, e minha esperança retornou à plena, pois criei esperanças de que tudo daria certo. Em poucos dias consegui emprego, tendo condições de morar sozinho. Já não tinha mais meu círculo de amigos de antigamente, eu já contava então com trinta e dois anos, afinal, o tempo passara e as coisas mudaram.

Conheci uma pessoa e tivemos uma filha, tudo andava bem. Bem demais, então revolvi comemorar. Voltei a beber, e como dependente químico, conhecia bem o ditado que dizia “Evite o primeiro gole”. Não evitei e não consegui mais parar, e em pouco tempo perdi o emprego e a família, tendo de ir morar nas ruas, uma realidade em minha vida que perdurou por um período de mais de uma década. Um tempo difícil e sombrio, mas de muita aprendizagem sobre as pessoas, sobre a vida, e, mesmo sem ter a consciência ainda, eu estava produzindo um conhecimento novo sobre mim mesmo, e sobre o mundo em que vivia.

A vida nas ruas é, em seu fim, uma vida que “vicia” e vai aos poucos “desalentando” as pessoas. Existe a liberdade ilusória que os moradores de rua têm, de que podem ir e vir, fazer e acontecer a qualquer momento, juntamente com a noção de que nada tem a perder, o que tem sua parcela de verdade, e o uso indiscriminado de todo tipo de substâncias, que serve para anestesiar uma dor que dilacera, mas na verdade, não é dor, é sim uma espécie de mágoa por algo muitas vezes inexplicável, do porquê se chegou aquele ponto. Existe também formas mirabolantes de dar a volta por cima, sonhos fantasiosos, a esperança, à espera de um “golpe de sorte” do destino que os tire daquela vida e então, mais substâncias para aliviar a dor e catapultar os sonhos, uma roda viva, uma porta giratória eterna, da qual poucos conseguem sair. Eu, apesar disso tudo, vivia nas ruas, mas não me considerava um morador de rua, eu tinha hábitos estranhos para tal nomenclatura.

Pelas manhãs, eu costumava acordar bastante cedo e dirigia-me ao Parque da Harmonia, que não ficava tão distante. Além da caminhada, que eu fazia como forma de exercício, aproveitava para tomar um banho e fazer minha higiene nos banheiros públicos do parque. Durante o verão, lavava também as poucas roupas que tinha, vestindo-as ainda úmidas, pois sabia que o calor e a caminhada de volta as secariam. A região tinha um espaço cultural com teatros e uma grande biblioteca pública. Decidi me associar à biblioteca, e grande parte do meu tempo era passado ali. Quando me sentia seguro, retirava dois ou três livros para ler na praça. Quando menciono "seguro", refiro-me ao receio de alguém roubar os livros, uma vez que tudo podia ser vendido ou negociado para obter alguma substância, qualquer que fosse.

Creio que esse período da minha vida foi o que mais me vi imerso no mundo da literatura. Li diversos tipos de livros, desde Huxley até Dostoiévski, de García Márquez a Jorge Amado, de Sartre a Schopenhauer. Através das páginas, explorei diferentes realidades e acompanhei personagens como Sancho Pança. Essa atividade, de alguma forma, contribuiu para manter minha sanidade mental relativamente intacta, apesar do consumo excessivo de substâncias, de todos os tipos, com uma preferência pela cachaça, que era mais barata e acessível.

A saudade de minha filha corroía-me por dentro, uma ausência que sentia profundamente, mas como poderia simplesmente aparecer do nada? Era necessário fazer algo, mas o quê? Comecei a elaborar planos de ação de forma cautelosa. Sempre carreguei um complexo de superioridade em relação às coisas comuns, e percebi que poderia utilizar essa característica a meu favor. Como jogador de xadrez experiente, comecei a traçar estratégias para reentrar na vida.

Minha primeira medida seria eliminar as substâncias que me aprisionavam e que eram o combustível das pessoas que viviam nas ruas. Reconhecia que, embora tivesse boa vontade, não conseguiria fazer isso sozinho. Como sempre fui eloquente e possuía uma base sólida de conhecimento e cultura, além de ser afável e agradável, comecei a conversar com pessoas diversas, expondo minha vontade de transformar minha vida. Eu já tinha um plano, apenas faltava aquele impulso decisivo, um "empurrão" que me desse o impulso necessário. Minha meta era voltar a ter uma vida significativa, mas também sabia que para alcançá-la precisaria superar alguns obstáculos consideráveis.

E consegui. Com alguns contatos e a pessoa certa, consegui uma internação em uma comunidade terapêutica em Novo Hamburgo, a Comunidade Terapêutica Fazenda Renascer, onde ficaria por um ano, para “limpar” meu corpo. E fiquei. Tempo de transformação interna e externa, de uma nova construção identitária onde comecei a rever as etapas de meu desenvolvimento, de minha infância, de minha juventude, e agora, de minha maturidade, um novo conhecimento de mim mesmo e do meu lugar na sociedade à que pertencia, e minha relação com ela. Sem esquecer minha história de vida e tentando tirar a melhor lição dela, me projetei em um futuro ambicioso.

Quando sai da Fazenda Renascer, já era o início de 2016, e já reintegrado socialmente, fui morar com uma irmã, Clarice, a mais velha da família, e professora. Um janeiro e fevereiro tentando descobrir o que fazer com esse “novo homem” agora, até que em início de março, num telejornal da manhã, a notícia de um cursinho pré-vestibular gratuito, o Resgate Popular, nas dependências da FABICO, na UFRGS, chamou-me a atenção. Por que não? Então fui até lá, me inscrevi e comecei a cursar o Resgate Popular, e gostei muito de reviver aquela rotina de escola. Em 2017, já estabelecido mental e fisicamente, consegui inserir minhas experiências em minha vida de forma produtiva, organizando assim minhas atitudes e ações, segundo uma nova configuração, uma nova dimensão, no meu agir.

Prestei o vestibular com alguma esperança, mas não muita, posto que o vestibular da UFRGS é muito concorrido e competitivo, para um curso que eu pensava que conseguiria entrar: Ciências Sociais, no qual poderia colocar minhas circunstâncias de vida reaproveitadas sob um novo prisma. Eu tinha uma ideia errada do que era Sociologia, mas sabia que era o que eu queria. Não me interessei em ver o resultado logo, mas no dia em que ele saiu, à noite, recebi vários telefonemas, o primeiro deles sendo do professor Dado (Leandro), de redação, contando-me que eu tinha sido aprovado e meu nome estava no listão.

Consegui, eu estava na universidade. Bem, ainda não, pois teria algumas etapas até concluir esse processo, e que parecia fácil, mas que com certeza não foi, devido ao meu histórico de morador de rua e dependente químico. Em todos esses movimentos, até a entrada na Fazenda Renascer e no próprio Resgate Popular, eu tinha assinado declarações e feito compromissos, mas eu não tinha documento nenhum, nada que reconhecesse como cidadão com direitos e deveres. E iniciou-se então uma busca coletiva para conseguir a documentação para efetivar minha matrícula na UFRGS. Era meu ingresso para o sonho, com o

envolvimento de uma multidão, pois todos queriam me ajudar, e então consegui, deu certo. Eu agora era aluno da UFRGS, no curso de Ciências Sociais, e era o primeiro semestre de 2017.

A UFRGS foi um grande desafio, mas também diferente de tudo o que eu tinha imaginado sobre a universidade, era realmente uma nova energia, com vibrações diferentes, uma juventude diferente, discussões acaloradas, novas leituras, muito diferentes de tudo que já tinha lido, leituras que instigavam a aprofundar formas de conhecer a subjetividade humana de forma objetiva. E novas capacidades eram descobertas, juntamente de uma nova forma de ver e interagir com o mundo e com as pessoas. O meu “eu”, transformava-se em vários “eus”, e meu passado, meu presente e meu futuro, agora visível, se misturavam, combinando-se para fazer uma nova leitura do que tinha sido.

O primeiro semestre foi ao mesmo tempo o mais tranquilo e o mais complicado. Eu não tinha facilidade com tecnologias, ainda às tenho bem reduzidas, e as cadeiras, os conteúdos, o programa, tudo, literalmente tudo está no *Moodle* ou em outras plataformas digitais, e eu tinha vergonha de confessar aos meus colegas que não sabia como fazer para acessar os conteúdos e realizar as tarefas, mas para com um reduzido grupo de colegas, três pessoas bem jovens, que foram minha primeira turma na faculdade, eu pedia ajuda e falava minha situação, e eles então me ajudavam, inclusive com uma delas, Rafaela, indo em minha casa para me ensinar. Mas tirando esse pequeno entrave de conhecimento acerca da tecnologia, eu me saía muito bem no conteúdo, na interpretação de textos e, no modo geral, eu era benquisto por todos. No geral, foi um bom primeiro semestre e eu me adaptei e me integrei aos colegas e à faculdade, e veio o segundo semestre então. Conforme o tempo ia passando, eu me envolvia cada vez mais e me aproximava mais de minhas emoções e minha capacidade de interpretá-las e refletir sobre elas.

Fazia apropriações de minha relação com as estruturas sociais, que agora eu via de uma forma diferente da forma em que a percebia antes, e recriava, de acordo com as leituras feitas na faculdade, as histórias de várias pessoas em vários locais e em vários contextos para contrapor diferentes posições e contraditórios de identidades em constante reconstrução, que sempre mudavam, mas também subjetivamente eram sempre iguais. Então, cheio de autoengano, como todo bom dependente químico que se preze, e para participar de corpo e alma da faculdade e do meu círculo de amigos universitários, pensando que agora, cursando



Ciências Sociais, ainda no segundo semestre, poderia voltar a usar substâncias controladamente. Pois estava tentando enganar a mim mesmo.

E então se iniciou uma caminhada entre o céu e o inferno. Mas entre altos e baixos, períodos de estado mental lúcido e outros não, fui avançando no curso universitário e cheguei relativamente bem no ano de 2020, quando então veio a pandemia da Covid-19, e as aulas começaram no formato do ERE, o Ensino Remoto Emergencial, o que para mim foi muito valioso e produtivo, pois, praticamente enclausurado, adiantei todas as cadeiras possíveis, e quando as aulas voltaram presencialmente, em 2022, eu já estava apto para iniciar meu estágio em escolas.

## **2 A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE EM CIÊNCIAS SOCIAIS E A SOCIOLOGIA ESCOLAR**

Minha ansiedade e meus temores com o início do estágio docente em Licenciatura em Ciências Sociais, curso noturno eram imensos, pois eu não sabia o que esperar dessa etapa, não tinha conhecimento do que seria e como tudo aconteceria, apenas sabia que seria uma responsabilidade enorme, mas claro, de grande aprendizado.

A primeira aula, onde o professor faria esclarecimentos de como seria o estágio foi aliciante. Depois de uma conversa informal em que foram feitas as devidas apresentações, nos foi informado de que o estágio seria composto de trinta horas de observações seguidas de trinta horas de aulas práticas, ministradas por nós, em uma escola de ensino médio, que ficaria por nossa escolha. Saímos todos aliviados e empolgados, já com a recomendação da escola em mente, com o objetivo de que todas as burocracias necessárias fossem feitas com as respectivas instituições. De imediato, assim que soube de como funcionava o estágio docente em Licenciatura em Ciências Sociais, me veio à cabeça imediatamente o “Julinho”, com uma carga de lembranças, grande nostalgia, felicidade e muita euforia, e já no outro dia me dirigi a escola para pleitear meu estágio na mesma.

Fui calorosamente recebido pela vice-diretora, Paola Ribeiro, que também atuava como professora de Sociologia na escola. Essa seria a disciplina que eu assumiria como professor. A vice-diretora, Professora Paola, tinha formação em História e se mostrou muito receptiva ao saber que eu era aluno da UFRGS e havia frequentado o Julinho há quatro décadas. Ela informou-me que minha tarefa seria trabalhar com o planejamento de semestre já preparado por ela. O currículo incluiria tópicos como o racismo estrutural, o período da Ditadura Militar no Brasil e a mobilidade social. No entanto, ela me deu a liberdade de elaborar meus próprios planos de aula e métodos de ensino, desde que estivessem alinhados com os temas selecionados.

Na minha primeira aula de observação, a professora Paola começou explicando que discutiríamos o racismo velado presente no Brasil. Abordaríamos a origem desse sentimento que permeia a personalidade do brasileiro e é considerado um racismo estrutural, já que muitas vezes o sentimos sem admiti-lo, de maneira inconsciente. Ela nos informou que assistiríamos a dois vídeos sobre o assunto, seguidos por uma análise e, em seguida, um

debate. O primeiro vídeo fazia parte de uma campanha da prefeitura de Curitiba (PR), intitulada "Racismo Institucional - Teste de Imagem". O segundo vídeo era do canal do *YouTube* "Rita Von Hunty - Tempero Drag". O primeiro vídeo da campanha curitibana apresentava duas versões da mesma cena, seguidas por perguntas feitas a pessoas de diversas classes sociais, todas elas interpretando a cena da mesma forma.

Esse vídeo mostrava uma pessoa branca correndo, seguida por uma pessoa negra correndo. As interpretações apresentadas eram que o indivíduo branco era um atleta, enquanto o indivíduo negro era rotulado como um ladrão. Depois, o vídeo apresentava uma pessoa branca vestindo um terno preto, seguida por uma pessoa negra também vestindo um terno preto. Nesse caso, a interpretação era de que a pessoa branca seria um empresário, enquanto a pessoa negra seria considerada um segurança de shopping. Em seguida, mostrava uma mulher branca na cozinha e, na sequência, a mesma cozinha com uma mulher de pele parda. Novamente, as interpretações eram: a mulher branca seria a patroa, supervisionando o serviço, enquanto a mulher de pele parda seria classificada como empregada ou diarista. Esses exemplos se repetiam em diferentes cenários, todos eles gerando a mesma interpretação enviesada.

O impacto desses exemplos gerou indignação e questionamentos entre os estudantes. Eles se deram conta de que já tinham interiorizado essas percepções distorcidas sem sequer questioná-las, e sentiram a frustração de perceber que esses estereótipos também os afetavam, fazendo-os sentirem-se socialmente inferiores sem entender como e por que isso acontecia. O debate que se seguiu na sala de aula trouxe à tona reflexões sobre a origem dessas ideias e como elas eram perpetuadas na sociedade.

O segundo vídeo apresentado, "Rita Von Hunty - Tempero Drag", também abordava o tema do racismo, mas de uma abordagem diferente, incluindo pessoas com diversas orientações sexuais. Esse vídeo também gerou polêmica na sala de aula, despertando perguntas sobre as razões subjacentes a esses preconceitos arraigados na sociedade. O debate resultante foi animado e intenso, com os alunos compartilhando suas próprias indignações e reflexões.

Muitos dos estudantes expressaram suas ideias sobre como combater esses preconceitos e estereótipos. As soluções pareciam simples na teoria, mas na prática, eles perceberam que a implementação dessas mudanças era complexa e desafiadora. Os debates

levaram os alunos a reconhecerem a profundidade do problema e a complexidade do desafio de erradicar o racismo e outros preconceitos enraizados. Em conformidade com a proposta da pedagogia engajada de bell hooks (2017), a discussão proporcionou um espaço seguro para compartilhar perspectivas pessoais, questionar suas próprias crenças e aprender com os outros, destacando a importância do diálogo aberto e do compromisso contínuo na luta contra a discriminação.

No segundo assunto, a ditadura militar no Brasil, os objetivos gerais e específicos foram: investigar como a Ditadura Civil-Militar é vista no tempo presente, e ao mesmo tempo sublinhar o aprofundamento das reflexões sobre os imperativos políticos e éticos da escrita sobre a mesma, em nossa história, analisando os significados que foram atribuídos em contextos específicos em nossa educação, impactada pelas políticas de “memórias” do Estado e pelo fortalecimento da ação pública de grupos que justificam ou negam a ditadura em interação com a crise política vivida no período.

Produzir reflexões e proposições que defendem a potencialidade da educação para desenvolver nos estudantes a capacidade de compreender a sociedade e a disputa entre diferentes memórias sobre a ditadura, e também problematizar as narrativas que as justifiquem ou que as neguem. Essa potencialidade foi explorada através de atividades com grande quantidade e diversidade de materiais didáticos e a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, com a finalidade nos âmbitos educativo e social da escola em conceber o ensino da Ditadura Civil-Militar, de 1964 a 1985, como um mecanismo de aprendizado para hoje forjar o compromisso dos estudantes com o regime democrático, usando as vivências e identidades que se reestruturam continuamente ao longo dos tempos, concorrendo para a formação de novos tempos e projetos para a própria democracia que costuma atuar com aproximações e comparações que fazemos com o passado.

Através da dinâmica oferecida em sala de aula e as considerações acerca dos vídeos e materiais apresentados, foi possível pensar o tema a partir das noções de ditadura e democracia. Assim, o ensino da Sociologia no Ensino Médio pode ajudar as e os estudantes a se situarem entre o presente e o passado na construção de um sentido para ambos. Levar em conta o tempo presente do aluno e do professor como elemento catalisador, chega a ser individual e coletivo ao mesmo tempo, e se renova permanentemente como objeto de ensino em decorrência de novas leituras, de outras experiências vividas, e de chegada de novos

alunos, então assim, a Sociologia é sempre elaborada no tempo presente, entendida não como recorte temporal específico, mas no sentido de que as interações e os significados conferidos ao passado devem ser compreendidos a partir de sua relação com o tempo vivido por professores e estudantes.

Ao chegar ao último tópico planejado para o semestre, a mobilidade social, nosso objetivo era compreender de que maneira as Ciências Sociais ajudam a entender a vida das pessoas e levam os estudantes, na medida do possível, a se conscientizarem de si mesmos e do lugar que ocupam no mundo ao seu redor. Abordamos esse tema com linguagem acessível, buscando estabelecer uma conexão empática com os alunos e incentivando-os a relacionar o conceito de mobilidade social com suas próprias experiências. Utilizamos conceitos de maneira a ampliar sua compreensão, indo além do senso comum, e incentivamos os alunos a identificar suas posições na estrutura social, buscando realizar uma das finalidades da Sociologia Escolar, que é a busca por estranhar e desnaturalizar a realidade social (Moraes, 2020).

Os alunos que estudam e trabalham ao mesmo tempo, em sua grande maioria, trabalham para ter a possibilidade de adquirir o que é de sua vontade, assim como, muitas vezes, ajudam na parte financeira da casa e da família. Nunca pensaram muito sobre as situações pelas quais são obrigados a passar, porque “sempre foi assim”, mas possuem uma revolta em seu âmago por conta da injustiça desse sistema que lhes é imposto. Então o tema lhes foi de muito interesse e trouxe muitos questionamentos sobre a desigualdade presente em suas vidas e no Brasil e o valor do trabalho, mas ficou claro que todos possuíam o entendimento de que o estudo e a qualificação profissional podem ajudar em sua ascensão na pirâmide social.

Muitos deles têm noção do seu papel e seus valores na hierarquia social, e também das desigualdades que isso implica, inclusive sua participação na produção e consumo de bens econômicos, e de suas oportunidades na vida. Gostaram da discussão, em especial na parte em que diz que apesar do Brasil ser um dos campeões de desigualdade, e que a educação, principalmente a superior, é um dos maiores fatores desencadeadores de mobilidade social no país. Foram propostos exercícios e outras tarefas sobre o tema para correção e debate na aula seguinte, e também esclarecer dúvidas com uma reflexão dos alunos sobre o tema e suas próprias conclusões.

Com a minha atuação como docente estagiário no “Julinho”, com toda a trajetória que vivi até chegar ao curso de Ciências Sociais, na UFRGS, e principalmente com as leituras sobre a Sociologia Escolar, devo dizer que a sociologia na escola possui relevância para a vida dos estudantes. De acordo com Lahire (2014), ensinar a sociologia de maneira adaptada para a escola pode ajudar a construir uma resposta importante às exigências que as sociedades democráticas do nosso tempo histórico possuem. Isso poderia ajudar os jovens a ter um olhar rigoroso, questionador e crítico sobre o mundo, contribuindo para ajudar a entender a vida econômica, as organizações sociais, as diferentes desigualdades e culturas. Entender as diferenças sociais e culturais pode ajudar para a desnaturalização do mundo social e para formar cidadãos mais sujeitos de suas ações.

Ao mesmo tempo, penso que a Sociologia pode auxiliar os estudantes a terem em mente novas possibilidades de vida, e também novas formas de fazerem parte da sociedade. Isso porque a Sociologia na escola ajuda, desde cedo, na construção de uma educação crítica, que procura entender a realidade social destacando o seu movimento e transformação. Dessa forma, a Sociologia não teria o limite de descrever a sociedade como ela é, porque também ajuda a entender como a sociedade é formada e se transforma, além de como é possível fazer com que a sociedade seja diferente, de modo coletivo (Ianni, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após meu estágio no “Julinho”, levando em conta o contato com os alunos, os debates e conversas em sala de aula, eu percebi que a Sociologia tem que mobilizar o conhecimento de que o aluno já dispõe e, ao mesmo tempo, levar o aluno a novos conhecimentos, porque é ilusória a ideia de um professor trabalhar com seus alunos imaginando que eles nada sabem ou que nada conhecem. E tudo o que eles sabem, tem a ver com o campo das Ciências Sociais, e está no universo cotidiano de todos. É importante mobilizar a experiência das pessoas no contexto do ensino de Sociologia na escola (Gil, 2014).

Eu, ao cursar uma graduação em Licenciatura em Ciências Sociais, e depois do estágio docente no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o “Julinho”, onde a maioria dos professores de Sociologia é de outras áreas, vejo que a Sociologia é uma ciência que coloca o aluno para pensar e isso pode implicar uma mudança no comportamento social. A minha própria história corrobora essa afirmação, conforme pode ser visto neste trabalho. Com o uso da metodologia autobiográfica, reconstruindo a trajetória da minha vida e mostrando como ela se articula e culmina com o estágio de docência na UFRGS, devo dizer que dei mais um passo formativo na minha vida e na minha trajetória educacional. Procurei objetivar a minha subjetividade no percurso de escrita desse trabalho, sem deixar de considerar, concordando com bell hooks (2019), que a experiência pessoal é uma fonte com muito potencial para produzir conhecimentos acerca da vida em sociedade, e que pode levar a reflexões críticas sobre as nossas histórias pessoais.

Nos estágios em que trabalhei Sociologia no “Julinho”, pude perceber a importância que os jovens atribuem ao mundo do trabalho, o que exige de nós uma reflexão sobre os constrangimentos pelos quais eles passam em função do lugar que ocupam na estrutura social. A experiência nos estágios me mostrou que é importante que os jovens possuam um maior espaço para expressarem-se, e a partir do que for exposto, fazer relações com os conteúdos e os acontecimentos que atravessam suas vidas fora da escola. Percebi, também, que a educação escolar é a principal questão que é apresentada com inquietação ao lado de problemas como violência, o trabalho e a desigualdade social. Algo muito presente no nosso sistema de ensino no que tange ao aluno, são os problemas de relacionamento com os professores, no sentido de distanciamento ou desconsideração à escola em decorrência disso, assim como a inadequação

dos currículos e metodologias no processo de ensino e aprendizagem, que se soma às desigualdades e inadequações da educação ao mercado de trabalho.

O ensino da Sociologia no ensino médio é essencial para a formação não apenas de alunos, mas de cidadãos, tendo como objetivo o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos (hooks, 2020; Ianni, 2011). Existem diversas dificuldades em estabelecer consensos em torno de identidade e finalidade do estudo, formação geral ou formação para o mercado de trabalho, e em torno dos conteúdos que devem ou não ser incorporados ao currículo do Ensino Médio. A recente reforma do Ensino Médio, que desautoriza a obrigatoriedade do ensino de Sociologia, permite que seus conteúdos sejam tratados apenas de modo transversal ou como objeto de estudo no interior de outras disciplinas específicas.

Voltar ao “Julinho” para realizar meus estágios supervisionados, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFRGS, foi uma oportunidade de refletir sobre a minha história pessoal, de repensar a minha vida educacional, 40 anos depois. Foi, também, uma oportunidade para discutir temáticas da Sociologia no contexto da escola, dialogar com estudantes e visualizar as possibilidades de construção de pensamento crítico (hooks, 2020; Ianni, 2011), do estranhamento e da desnaturalização (Moraes, 2020), pontos importantes da Sociologia Escolar. Mais do que tudo isso, redigir este trabalho, com o suporte metodológico da autobiografia, foi, como diz Delory-Momberger (2011), buscar o exercício de uma “hermenêutica da experiência”. Com isso quero dizer que procurei associar biografia, educação e formação. Foi um grande desafio. Como é a própria vida.



## REFERÊNCIAS

- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.333-346, abr. 2011.
- GIL, Marco Aurélio Plá. Sobre a importância da experiência na prática metodológica do ensino das Ciências Sociais. *Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura)*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), 2014.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo, Elefante, 2019.
- HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.
- IANNI, Octávio. O ensino das Ciências Sociais no 1º e 2º graus. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 327-339, set.-dez. 2011.
- LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan/jun, 2014, p. 45-61.
- MEUCCI, Simone. O ensino da Sociologia e a História da disciplina na educação básica no Brasil. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.
- MORAES, Amaury Cesar. O ensino da Sociologia e as Orientações curriculares para o ensino médio (OCÉM). In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.
- PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. *Revista Lusófona de Educação*, núm. 33, 2016, pp. 111-125, Lisboa, Portugal.
- SILVA, Ileizi Fiorelli. O ensino de Sociologia e a BNCC. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.